

Resumo: *Entre os vários textos que, na Bíblia, se referem aos jovens e à juventude, a passagem da primeira carta de João 2,12-14, é certamente uma das mais significativas¹. De fato, nesses três versículos encontramos, por duas vezes, a bela dedicatória aos jovens “que são fortes” e que, cultivando em sua vida “a palavra de Deus”, são “vencedores do Maligno”. O autor começa analisando o texto, examinando a seguir seu contexto e o contexto da carta à qual o texto pertence, e enfim detendo-se na sua interpretação propriamente dita. E conclui que a força invencível dos “jovens” da comunidade joanina, força também hoje, dos jovens das nossas comunidades, é a força da “palavra de Deus”, que neles permanece, se e enquanto permanece! E essa Palavra, concretamente, se identifica com o próprio Cristo, a Palavra encarnada do Pai.*

Abstract: *Among the several texts that, in the Bible, refer to the young and the youth, the passage of 1 John 2,12-14 is certainly one of the most meaningful. In fact, in these three verses one finds, twice, the beautiful address to the young men and women who are strong and who, dedicated in their lives to the Word of God, are conquerors of the Evil one. The paper starts examining the text, and proceeds investigating its context and the context of the Letter to which the text belongs, and finally proposes its interpretation as such. The conclusion is that the invincible strength of the young of the johannine community, strength also of the young of our communities, is the power of the Word of God which remains in them, if and while it remains! And this Word, concretely, is identical with Christ, the incarnate Word of the Father.*

A força dos jovens na Primeira Carta de João

Ney Brasil Pereira*

* O autor, Presbítero da arquidiocese de Florianópolis, é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC.

¹ Este artigo, reelaborado e atualizado, foi publicado originalmente em “Encontros Teológicos”, revista do ITESC, Florianópolis, n. 11(1991/2), pp. 6-12.



Introdução

Entre os vários textos que, na Bíblia, se referem aos jovens e à juventude, a passagem da primeira carta de João 2,12-14, é certamente uma das mais significativas. De fato, nesses três versículos encontramos, por duas vezes, a bela dedicatória aos jovens “*que são fortes*” e que, cultivando em sua vida “*a palavra de Deus*”, são “*vencedores do Maligno*”. Antes, porém, de situarmos esta passagem no seu contexto, para podermos depois analisá-la e daí tirar algumas conclusões, vale a pena transcrevê-la toda, na tradução que me parece a mais próxima do texto original²:

- v.12: *Eu vos escrevo, filhinhos: os vossos pecados estão perdoados por meio³ do seu nome.*
- v.13a: *Eu vos escrevo, pais: vós conheceis Aquele que é desde o princípio.*
- 13b: *Eu vos escrevo, jovens: vós vencestes o Maligno.*
- v.14a: *Sim, venho escrevendo a vós, crianças: conheceis o Pai.*
- 14b: *Venho escrevendo a vós, pais: conheceis Aquele que é desde o princípio.*
- 14c: *Venho escrevendo a vós, jovens: sois fortes, pois a palavra de Deus permanece em vós e vencestes o Maligno.*

Se o leitor comparar esta tradução com a de outra das Bíblias que temos hoje à disposição⁴, notará uma série de diferenças, para não dizer

² Levo em conta, na tradução, além de algumas edições recentes, as sugestões de BROWN, R.E., no seu grande comentário das cartas de João, “*The Epistles of John*”, Col. Anchor Bible, Doubleday, N. York, 1982, pp. 293-328. Além de BROWN, consultei também os seguintes comentadores, que, quando citados, o serão só pelo sobrenome e pelo número da página: SCHNACKENBURG, R., “*Cartas de San Juan*”, Barcelona, Edit. Herder, 1980, trad. do original alemão de 1974, 5ª edição; STOTT, J. R. W., “*I, II, e III João*”, Introdução e Comentário, Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, 1982, trad. do original inglês de 1974; ZEVINI, G., “*Uma comunidade que ama – As três cartas de João às Igrejas da Ásia*”, Edit. Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1987, trad. do original italiano; CHAMPLIN, R. N., “*O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*”, vol. VI, Distribuidora Millennium, São Paulo, 1982; AGOSTINHO, Santo, “*Comentário da 1ª Epístola de São João*”, Ed. Paulinas, São Paulo, 1989, tradução do original latino.

³ “Por meio de” traduz literalmente o gr. *diá*, que a NV traduz por *própter*, como a CNBB por “por causa de”, e a Século XXI por “por amor de”

⁴ Por exemplo, a Bíblia da CNBB, 11ª edição, 2011; a Bíblia “Almeida Século XXI”, SBB, 2008; a Bíblia de Jerusalém, nova edição, Paulus, 8ª reimpressão, 2012; a “Bíblia do Peregrino”, Paulus, 2002 etc, sem esquecer a Nova Vulgata.



divergências. É até estranho que, num texto de vocábulos relativamente comuns e fáceis, haja tantos detalhes passíveis de interpretação diversa. Estranho, mas assim é. Começemos, pois, analisando o *texto*, para vermos a seguir seu *contexto* e o contexto da carta à qual o texto pertence, e enfim nos determos na sua *interpretação* propriamente dita.

1 O texto: 1Jo 2,12-14

Apoiando-nos nas pertinentes observações de BROWN 294-305, notamos três problemas maiores:

1) Há alternância de tempo no verbo principal: “escrevo”, “estou escrevendo”, gr. *gráphō*, nos vv. 12-13 e “escrevi”, gr. *Égrapsa*, no v. 14. Resumindo as hipóteses, o v. 14 não parece supor alusão a algum escrito precedente (nem ao quarto evangelho, nem à 2ª ou 3ª cartas do Autor), nem parece supor a parte já escrita da carta, que poderia ter sido interrompida por algum motivo, e o Autor então se referiria ao que já escrevera. Por sinal, o mesmo verbo *gráphō*, no presente, é empregado três vezes antes: em 1,4 (na primeira pessoa plural: “isto vos escrevemos”), e em 2,7 e 2,8; e a forma *égrapsa*, “escrevi”, depois de 2,14 aparece também em 2,21 e 2,26, além de quase no final da carta, no começo do epílogo, em 5,13: “Eu vos escrevi estas coisas...”. Resumindo as muitas opiniões, parece tratar-se, em 2,14, de simples variação estilística em relação aos vv. 12-13, reforçando o já escrito: “Eu vos escrevo” (vv.12-13) e “Sim, venho escrevendo...” (v.14).

2) Os destinatários são distribuídos pelo autor em três grupos: filhinhos, pais, e jovens, sendo que os “filhinhos”, gr. *teknía*, do v.12, correspondem às “crianças”, gr. *paidía*, do v. 145. Que pretende João com essa tríplice designação? Queria ele distinguir três estágios de desenvolvimento na fé, a saber, os *neófitos*, recém-convertidos, os *confirmados*, recém-engajados, e finalmente os *líderes* da comunidade, já maduros? Tal é a interpretação, entre outros, de CLEMENTE de Alexandria, entre os antigos, e de STOTT, entre os modernos (cf. BROWN 297 e o próprio STOTT 83). Ou mesmo três diferentes idades da vida – crianças, jovens, adultos – à semelhança de IRENEU em *Adv. Haer. II, 22, 4*, o

⁵ Etimologicamente, como observa STOTT 84, “*teknía* salienta a associação natural entre a criança e seu pai (de *tékein*, gerar ou procriar), ao passo que *paidía* se refere à menoridade da criança como alguém sob disciplina (de *paideuein*, adestrar, educar, castigar)”. A NV traduz aqui *paidía* por *párvuli*, “pequenininhos” enquanto em Jo 21,5 por *púeri*, “meninos”, “rapazes”.



qual apresenta Cristo santificando as várias fases da vida humana pelas quais ele mesmo passou: “Pois Ele veio para salvar a todos, por meio de si mesmo – todos, digo, que através dele nascem de novo para Deus – infantes, crianças, adolescentes, jovens e adultos”⁶.

Ou interpela João toda a comunidade ao mesmo tempo, uma vez que as características de “criança, jovem e adulto” são simultâneas em cada um de nós? Assim, por exemplo, AGOSTINHO, para quem todos os cristãos são “crianças” porque nasceram de novo pelo batismo; são “pais”, porque acreditam “*naquele que é desde o princípio*”; e todos são “jovens”, porque “*são fortes*” e lutam, em Cristo, contra o Maligno⁷.

Terceira e última interpretação é a que considera João dirigindo-se primeiro a toda a comunidade, interpelando-a conjuntamente como “filhinhos” no v. 12 e como “crianças” no v. 14, à semelhança da interpelação de Jesus a seus discípulos na última Ceia, em Jo 13,33 (*teknía* – filhinhos) e junto ao mar de Tiberíades, em Jo 21,5 (*paidía* – meninos, com o sentido provável de “moços”, “rapazes”). A seguir, nessa comunidade de “filhinhos” e “crianças”, interpelação que já ocorrera, na carta, em 2,1 e voltará em 2,28; 3,7 e 3,18; 4,4 e, no final do epílogo, em 5,21, sempre sob a forma de *teknía* – filhinhos, João distingue dois grupos de membros, por ordem de idade ou maturidade: *patéres* – pais, e *neanískoi* – jovens⁸. Aqui, nova surpresa nos prepara João, fugindo aos esquemas normais: esperar-se-ia “anciãos”, contrapondo-se a “jovens”; ou “filhos”, contrapondo-se a “pais”. Poderia esperar-se também, em grego, termos como *presbýteroi*, “mais velhos”, “anciãos”, contrapondo-se a *neôteroi*, “mais novos”, ou mesmo “bispos”/“presbíteros” contrapondo-se a “diáconos”, como em Fl 1,1 e 1 Tm 3,2 e 8⁹.

Mas não. Por motivos que nos escapam, João expressa a totalidade bipolar da sua comunidade em termos de “pais” e de “jovens”, à semelhança – mas uma semelhança original – dos “velhos” e “jovens” que exprimem essa totalidade em textos como Ex 10,9; Js 6,21; Is 20,4; Ez 9,6; Jl 2,28/3,1 (cf. At 2,18), à semelhança/diferença também dos “pequenos”

⁶ Cit. em CHAMPLIN 240.

⁷ Assim BROWN 298 sintetiza o pensamento de AGOSTINHO.

⁸ A NV, retomando a Vulgata, traduz *neanískoi* por *adulescentes*.

⁹ BROWN 299 faz interessante observação: “Como os *epískopoi* eventualmente tornaram-se distintos dos *presbýteroi* e superiores a eles nos escritos de INÁCIO DE ANTIOQUIA (primeira década do séc. II), assim também os *diákonoi* parecem ter-se tornado distintos dos *neôteroi* e também superiores a eles, como se vê na carta de POLICARPO aos filipenses 5,3, na primeira metade do séc. II”.



e “grandes”, ou “do menor ao maior”, em textos como Gn 19,11; 1Sm 5,9 e, especialmente, Jr 31,34 no seu anúncio da Nova Aliança: “*Porque todos me conhecerão, do menor ao maior, oráculo do Senhor*”.

Também na comunidade de Qumran distinguem-se dois tipos de membros: os menos instruídos e os já iniciados: os “simples de Judá”, que cumprem a Lei, e os plenamente iniciados, que participam do Conselho da comunidade, segundo o que nos informa o *Pesher* de Habacuc¹⁰. Notar como o Senhor Jesus também se refere a semelhante distinção, embora subvertendo-a: é aos infantes, gr. *Népioi*, e não aos sábios, ou “sabidos”, que Deus se revela (Mt 11,5 e Lc 10,21)!

3) A conjunção *hóti*, traduzida literalmente como “porque”, com sentido causal, em praticamente todas as versões, antigas e modernas, parece ser melhor traduzida com sentido declarativo, como propusemos, com a Nova Vulgata e a Bíblia da CNBB¹¹, introduzindo os dois pontos em vez do “porque”: “*Eu vos escrevo, filhinhos: os vossos pecados estão perdoados...*” A diferença pode ser subtil demais, mas o sentido declarativo parece expressar melhor o pensamento de João, que pretende deixar bem claro a seus destinatários, filhinhos/pais/jovens, que são eles, e não os gnósticos separatistas, que “estão perdoados”, “conhecem o Pai”, “venceram o Maligno”. Notar, aliás, que João sabe usar a conjunção devida, quando quer expressar, por exemplo, uma finalidade. Assim, em 2,1 ele explicita a sua intenção: “*Eu vos escrevo, filhinhos, para que (gr. hína) não pequeis...*”. Da mesma forma, em 5,13: *Eu vos escrevi tudo isso para que... saibais que tendes a Vida eterna!*”

2 O contexto

O contexto próximo de 1Jo 2,12-14 inclui, por oposição, os vv. 15-17 imediatamente seguintes, nos quais os destinatários, “filhinhos/pais/jovens”, depois de terem sido tranquilizados sobre o seu estado de salvação (vv. 12-14), são exortados a rechaçarem decididamente o amor do mundo (!): “*Não ameis o mundo nem o que há no mundo...*” É o mesmo “mundo” tão amado pelo Pai, que dele recebe o dom de seu Filho

¹⁰ *Pesher* é o midraxa que atualiza o texto profético. Cf. BROWN 299, que cita 1Qpab 12,4-5.

¹¹ Única exceção, quanto me consta, em português, era a da TEB, Tradução Ecumênica da Bíblia, Ed. Loyola, SP, 1987, trad. do original francês de 1972, além de BROWN, SCHNACKENBURG, BOISMARD, BONSIIVEN, MALATESTA, RIVERA etc, cf. BROWN 300-301.



(Jo 3,16) mas que, obstinando-se em não acolhê-lo, torna-se indigno da oração do mesmo Filho: “*Por eles – os discípulos – eu rogo, não pelo mundo...*” (Jo 17,9). Mundo, porém, que, mesmo odiando os discípulos, como já odiara o Mestre (Jo 15,18-19), terá ainda a chance de recebê-los, os discípulos, como enviados do Filho: *Como tu me enviaste ao mundo, assim também eu ao mundo os envio...*” (Jo 17,18).

Ainda quanto ao contexto próximo literário: a unidade dos vv. 2,12-14.15-17, por sua vez, tem relação com o que precede (2,3-11): é preciso fazer a vontade de Deus observando seus mandamentos, que se resumem no mandamento do amor fraterno, e com o que segue (2,18-27): os “filhinhos” do autor da carta deverão preservar-se dos “*anticristos*”, que “*sairam do meio de nós mas não eram dos nossos*” e que, negando ser Jesus o Messias, “*negam o Pai e o Filho*” (2,23).

Com esta menção dos “anticristos”, figura apocalíptica que João desmitiza, identificando-os nos separatistas da própria comunidade – *eles saíram do meio de nós* – percebemos o **contexto conflitivo** das cartas joaninas. Delas, a 2ª e a 3ª são como que bilhetes assinados pelo “Presbítero”, o mesmo personagem que a tradição identificou com o Apóstolo João, considerado autor também da 1ª carta, esse escrito admirável que nada fica a dever ao 4º evangelho, com cujo estilo tem parentesco inegável.

BROWN, o exegeta americano que, como o alemão SCHNA-KKENBURG, produziu extensos comentários tanto ao 4º evangelho como às cartas joaninas, escreveu também interessante livrinho de 200 páginas sobre “A Comunidade do Discípulo Amado”¹², isto é, a comunidade no meio da qual foi elaborado o 4º evangelho e, depois, abordando problemas surgidos com a interpretação conflitiva da alta cristologia joanina, também o conjunto das três cartas.

Salta aos olhos o contexto sócio-eclesiológico diferente do 4º evangelho, comparado com o das cartas, mesmo se produzidos, um e outras, na mesma comunidade. É que o 4º evangelho, cuja redação começa, num primeiro estágio, na Palestina, e que se apresenta, em sua primeira conclusão, como um escrito missionário, *ad extra*, para que seus leitores

¹² BROWN, R.E., “*A Comunidade do Discípulo Amado*”, Ed. Paulinas, São Paulo, 1984, tradução do original americano de 1979, com o seguinte expressivo subtítulo: “A vida, amores e ódios de uma Igreja particular na época do Novo Testamento”. Ver a breve recensão escrita por ANDERSON, Ana Flora, em “*Estudos Bíblicos*” n. 2, Vozes, Petrópolis, 1984, pp. 79-80.



*creiam*¹³ que Jesus é o Cristo e, crendo, *tenham a vida em seu nome* (cf. Jo 20,31), supõe um confronto mais ou menos tenso com “o mundo” (= o Império romano? o sistema e a sociedade do Império?) e com “os judeus” (estes, visados mais nos capítulos 5 a 12). Há confronto também com os discípulos do Batista (nos capítulos 1 a 3), com os “cripto-cristãos”, isto é, judeu-cristãos ainda ligados à Sinagoga e sem coragem para o desenlace, e ainda com os próprios gnósticos helenistas, cuja linguagem João assimila, desmitizando-a¹⁴. Ao contrário do 4º evangelho, as cartas joaninas são escritos claramente intra-ecclesiais, *ad intra*, dirigidos a discípulos fiéis do autor, os quais, como diz o início do epílogo da 1ª carta, já *crêem* “no nome do Filho de Deus, e por isso devem estar conscientes, devem saber que já *possuem a Vida eterna!*” (cf. 1Jo 5,13).

Esses discípulos fiéis, no entanto, correm o risco de ser desviados, “seduzidos” por muitos “*sedutores*”, que “*não reconhecem Jesus como o Messias encarnado*”, e “*avançam*”, mas não permanecem na reta doutrina (cf. 2Jo 9). Além disso, prejudica-os a ambição de falsos líderes como Diótrefes, o qual “*ambiciona o primeiro lugar*” e não recebe os enviados do Ancião, difamando-o com palavras mal-intencionadas (cf. 3Jo).

Isto é, a comunidade joanina, pelo que apreendemos desses documentos autênticos da sua história, não se apresenta absolutamente como o idílio do amor fraterno que marcou pelo menos os momentos iniciais da comunidade de Jerusalém, segundo a descrição de Lucas em At 2,42-47 e 4,32-35: “*eram perseverantes na comunhão fraterna... um só coração e uma só alma*”.

Pelo contrário, a comunidade joanina, como aliás também as comunidades paulinas (cf. as cartas aos coríntios, aos filipenses, aos gálatas: quantas lutas internas, quantas defesas Paulo sente-se obrigado a fazer do seu apostolado!), a comunidade de Tiago (quantos desmandos Tiago nela reprova!), e também as igrejas do Apocalipse (cf. Ap 2-3), foi uma comunidade de árduos conflitos. E isso não só *ad extra*, com o “mundo”, a sociedade, o Império romano (cf. o Apocalipse!), mas também *ad intra*: se “a águia joanina parece sobrepairar a terra” no 4º

¹³ O subjuntivo do presente, no texto original, poderia implicar sobretudo “o progresso na fé entre aqueles que já pertencem à comunidade dos que creem; mas uma intenção missionária é também possível”, como o lembra a Nota da TEB (já citada acima) a este versículo.

¹⁴ Sirva como exemplo o mito do *Lógos*, a Palavra, que se faz “carne”, assumindo a condição humana na pessoa histórica de Jesus de Nazaré (cf. Jo 1,14).



evangelho, já “nas cartas descobrimos seus filhotes debatendo-se entre si pela posse do ninho”¹⁵.

3 A interpretação

Tendo visto, embora resumidamente, o texto e seu contexto, podemos agora passar para a interpretação propriamente dita da palavra de João aos “jovens” da sua comunidade. Começaremos investigando, em 3.1, o sentido de “jovens” (gr. *neanískoi*), para depois, em 3,2, investigarmos o que significa a sua *força* (“vós sois fortes”), a *Palavra* que neles permanece, e sua *vitória* sobre o Maligno.

3.1 Os “jovens”

Já vimos, na análise geral do texto que nos ocupa, como João distingue, na sua comunidade de “filhinhos” (também “crianças” em 2,14a), duas categorias de discípulos: os “pais” e os “jovens”. Já observamos também como isto é surpreendente, porque seria mais lógico a “pais” contrapor “filhos”, como também a “jovens”, “anciãos”. Quem seriam, pois, estes “jovens” (gr. *neanískoi*) da comunidade joanina?

Antes de respondermos diretamente a esta pergunta, parece interessante recordar alguns textos bíblicos que se referem aos jovens (é claro que a título de amostra, sem pretendermos ser exaustivos). Entre os **textos positivos**, favoráveis à juventude, podemos começar com uma passagem de Amós, referente aos jovens nazireus: “*Suscitei entre vossos filhos, profetas, e dentre vossos jovens, nazireus*” (Am 2,11). A esse texto soma-se a profecia de Joel, que Pedro vê realizar-se no dia de Pentecostes: “Derramarei meu Espírito sobre toda carne... vossos anciãos terão sonhos e *vossos jovens, visões*” (Jl 2,28-29 = 3,1-2, cf. At 2,17-18). O sábio Qohélet encontra “mais valor *num jovem pobre, mas sábio*, do que num rei velho e insensato, que não sabe aceitar conselhos” (Ecle 4,13). O mesmo Sábio dá o seguinte conselho aos jovens, inicialmente com muita abertura, mas depois advertindo sobre o julgamento: “*Alegra-te, jovem, na tua juventude, e regozija-te na flor da idade. Vai aonde teu coração te leva e os olhos te atraem, mas fica ciente de que sobre tudo isso Deus te fará entrar em julgamento*” (Ecle 11,9). Prossegue ainda o Sábio, recomendando a lembrança de Deus na juventude, quando o

¹⁵ Cf. a contracapa do citado livro de BROWN, R.E., “*A comunidade do Discípulo Amado*”.



vigor juvenil poderia levar a esquecer a sua presença: “*Lembra-te do Criador na tua juventude*, antes que cheguem os dias dos achaques e se aproximem os anos dos quais dirás: Não tenho prazer neles” (Ecle 12,1). Também o autor dos Provérbios focaliza os jovens, dos quais diz que “*seu ornato é sua força*”¹⁶, enquanto “*o adorno dos velhos é suas cãs*” (Pr 20,29). Aliás, um dos objetivos do seu livro é, justamente, “ensinar sagacidade aos simples, e sabedoria e reflexão *aos jovens*” (Pr 1,4). Da mesma forma o Sirácida, falando da sua experiência aos jovens das “boas famílias” de Jerusalém, aos quais dirige seu livro, recomenda-lhes discrição e modéstia nos banquetes: “Fala, ó *jovem*, se precisas fazê-lo, mas não mais de duas vezes, caso sejas interrogado. Resume a fala, dizendo muito em poucas palavras; sê como aquele que sabe, mas fica calado. No meio dos grandes não ostentes autoridade; e onde há anciãos, não tagareles muitas coisas...” (Eclo 32,7-9).

Entre os **textos negativos**, bem menos numerosos, vale a pena recordar 1Rs 12,8-14 e seu paralelo 2Cr 10,8-14, sobre os insensatos jovens amigos de Roboão, filho e sucessor de Salomão, que havia recebido do povo o pedido de aliviar o jugo de seu pai. Os anciãos da corte o aconselharam a que atendesse o povo. Roboão, porém, consulta ainda os *jovens* que foram seus amigos de infância e o assistiam. E estes, levemente, o aconselham a endurecer mais ainda, a tornar ainda mais pesado o fardo que Salomão impusera ao povo... Resultado: as tribos do Norte separaram-se da dinastia de Davi e consuma-se o Cisma! Outro texto negativo sobre os jovens é do cap. 7º dos Provérbios, onde o Sábio, advertindo contra os perigos de sedução da “mulher estrangeira, da estranha cuja palavra é sedutora” (Pr 7,5), fala de “*jovens ingênuos*” e destaca, “*entre os adolescentes, um rapaz sem juízo*”, que se encaminha “ao entardecer, no coração da noite e da sombra”, para a casa da adúltera. Esta o precede, vai ao seu encontro, atraí-o... “e o infeliz corre atrás dela, como o boi vai ao matadouro...” (cf. Pr 7,6-23). Também o Segundo Isaías, para reforçar o contraste com o vigor renovado dos que “põem sua esperança em YHWH”, observa que “*mesmo os jovens se cansam e se fatigam, até os moços começam a tropeçar...*” (Is 40,30-31).

¹⁶ Curiosa transformação desse texto lemos na tradução dos Setenta, que menciona a *sabedoria*, e não a *força*, como o “ornato” dos jovens.



Nos evangelhos, é conhecida a cena do “jovem” rico, em Mt 19,16-22¹⁷, o qual não se sente com coragem para a renúncia total que Jesus lhe propõe, e “retira-se pesaroso, porque possuía muitos bens”. Por outro lado, em Lc 7,14, o *jovem* filho da viúva de Naim, recém-falecido e sendo transportado ao cemitério, ouve a poderosa palavra do Senhor, que o devolve à sua mãe: “*Jovem* (gr. *neaníske*), *eu te ordeno, levanta-te!*” Em Jo 21,15-19, no belo diálogo entre Jesus e Pedro, às margens do “mar de Tiberíades”, Jesus alude à liberdade de movimentos própria do jovem, quando anuncia a Pedro o seu martírio: “Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço (gr. *neôteros*), tu te cingias e andavas por onde querias; quando envelheceres, estenderás as mãos e outro te cingirá, e te conduzirá aonde não quiserás ir” (Jo 21,18).

Nas cartas apostólicas, além das exortações aos “filhos” em Ef 6,1 e Cl 3,20, temos alguns exortações aos *jovens*, p. ex., na primeira carta de Pedro. Aí encontramos uma contraposição entre *os mais jovens* (gr. *neôteroi*) e *os mais velhos* (gr. *presbýteroi*) da comunidade, sendo aconselhada a *submissão*¹⁸ daqueles a estes: “*Jovens, sede submissos aos mais velhos*”. Na carta a Tito, o Apóstolo o adverte a exortar os jovens, gr. *neôteroi*, a terem “bom senso em tudo” (Tt 2,6). E, na primeira carta a Timóteo, depois de garantir-lhe que a sua jovem idade, gr. *neôtês*, não deve impedi-lo de ser reconhecido como seu porta-voz autorizado (1Tm 4,12: “Ninguém te menospreze *por seres jovem*”), Paulo o aconselha a exortar os jovens como a irmãos, assim como os anciãos como a pais (cf. 1Tm 5,1).

Quem, pois, são os “jovens” (gr. *neanískoi*) da 1ª carta de São João? Seriam os moços da comunidade, os que se encontravam na faixa etária dos 18 aos 25 aproximadamente, cheios portanto de vigor e, também, da turbulência da juventude? Ou seriam os recém-convertidos, mesmo se adultos, “jovens” por contraposição aos “pais”, e ainda “jovens” por não terem tido a experiência madura desses “pais”, que possuem o conhecimento daquele “que era desde o princípio”, isto é, o Cristo, tal

¹⁷ Notar que, dos três Sinóticos, só Mt, nos vv. 20 e 22, refere-se ao personagem como “jovem” (gr. *neanískos*), enquanto Mc e Lc, nos textos paralelos (Mc 10,17-22 e Lc 18,18-23), não lhe atribuem essa característica de juventude. E até o fazem dizer a Jesus: “Tudo isto observei *desde a minha mocidade*”, supondo, pois, um personagem adulto, que Lc 18,18 qualifica de “homem de posição” (gr. *árchôn*).

¹⁸ Sobre a submissão mútua, entre os cristãos, cf. minhas observações à “submissão da mulher nas cartas paulinas posteriores”, in PEREIRA, N.B., “A mulher em Paulo”, art. in “Encontros Teológicos” n. 8 (1990/1), pp. 7-8.



como foi revelado e apreendido no começo da experiência cristã (cf. 1Jo 1,1)? Ou seriam ambos, moços e recém-convertidos, estes em todo caso participando das qualidades juvenis daqueles? O fato é que João lhes dá atenção especial, e os interpela como tais, isto é, como “*juvens*”¹⁹, com todo o fascínio e com todas as implicações (cf. os textos bíblicos acima) que esse termo traz em si.

Estariam *as* jovens incluídas na interpelação joanina? Nossa sensibilidade hoje sente falta de explicitar o feminino, o que não ocorre ainda com os autores bíblicos, mesmo com João, que dá tanta atenção às mulheres no seu evangelho²⁰, e no entanto não lhes faz a mínima referência em suas cartas. Como o observa, porém, Cornélio A LÁPIDE, o grande comentarista jesuíta do século XVII, o testemunho das jovens mártires cristãs como Inês, Luzia, Cecília, Blandina etc, comprova suficientemente a força e a vitória também *das* jovens, ao lado *dos* jovens aos quais o Apóstolo explicitamente se dirige.

3.2 A força, a Palavra, e a vitória dos jovens

“Vós sois *fortes*, pois a *palavra de Deus* permanece em vós, e *vencestes* o Maligno” (1Jo 2,14c). Trata-se da mais elaborada interpelação a um dos dois subgrupos de destinatários do autor. Provavelmente porque estes, sendo “jovens”, seriam mais vulneráveis que os “pais” aos atrativos do “mundo” (cf. 2,15-17) e à propaganda secessionista dos “anticristos” (2,18-26), pelo fato de não terem tido, como os “pais”, a experiência daquele e daquilo que era “desde o princípio” (2,13 e 1,1).

3.2.1 A força

“Vós sois *fortes*” (gr. *ischyrói*). Impressiona esta declaração de João a seus “jovens”, reconhecendo que são “fortes”, quando tantos textos bíblicos anteriores apresentam não a declaração, mas a exortação, p. ex., de Moisés a Josué: “*Sê forte e corajoso*, pois tu entrarás com todo este

¹⁹ Talvez a etimologia nos revelasse algo do substantivo “jovem”, do latim *juvenis*, mas não encontrei mais do que o próprio vocábulo *juvenis* e seus cognatos, como o adjetivo *juvenilis*, *juvenil*; *juvenália*, festas romanas da mocidade, especialmente o *juvenális dies*, acrescentado por Calígula às *Saturnales*; *juvenculus*, juvenzinho; *juventa*, mocidade etc (cf. QUICHERAT/SARAIVA, “*Novíssimo Dicionário Latino-Português*”, Livr. Garnier, Rio de Janeiro/Paris, 1927).

²⁰ Cf. o apêndice II do já citado livro de BROWN, “*A Comunidade do Discípulo Amado*”, pp. 193-209: “Papéis de mulheres no quarto evangelho”.



povo na terra...” (Dt 31,7.23); do próprio Deus a Josué, repetidamente, no capítulo 1º do livro homônimo: “*Sê forte e corajoso*, porque farás este povo herdar a terra... Não temas e não te apavores, porque YHWH teu Deus está contigo...” (Js 1,6.7.9.18); de Moisés aos israelitas, em Dt 31,6 e do próprio Josué, por sua vez, também aos israelitas: “Não temais nem vos acovardeis mas *sede fortes e corajosos*” (Js 10,25); de Davi, já idoso, ao jovem Salomão: “*Sê forte e porta-te varonilmente*” (1Rs 2,2); no livro do profeta Ageu: “Agora *sê forte*, Zorobabel, oráculo de YHWH; *sê forte*, Josué, filho de Josedec, sumo sacerdote; *sede fortes*, vós, povo da terra, e trabalhai, porque Eu estou convosco, oráculo de YHWH dos exércitos...” (Ag 2,4).

Impressiona, também, esta declaração joanina, tendo em vista o fato, já ressaltado no diálogo de Jesus com o seu rico interlocutor em Mc 10,17, de que só Deus é forte, assim como “*só Ele é bom*”. Já o reconheceu o salmista: “Quem é como tu, YHWH, Deus dos exércitos? *Só tu és forte...*” (Sl 89,9), como também Ana em seu cântico: “*Ninguém é forte como o nosso Deus!*” (1Sm 2,2c na Vulgata). Por isso, também Jeremias, na última e mais famosa de suas Confissões, reconhece que YHWH é “*mais forte*”, e sendo assim o dominou e seduziu... (cf. Jr 20,7). Por isso também o autor do Apocalipse proclama que “*é forte o Senhor*”, o Deus que julgou Babilônia (cf. Ap 18,8), que só a Ele pertencem “*o poder e a força*” (Ap 7,12), e por três vezes menciona o “*anjo forte*” que anuncia e realiza os divinos desígnios (Ap 5,2; 10,1; 18,21).

Entre os dons do Messias o profeta enumera o “*espírito de fortaleza*” (Is 11,2), isto é, o carisma da força, que corresponde a um dos nomes divinos do menino-rei de Is 9: “*Deus forte*” (lit. “Deus guerreiro” ou “Herói divino”, cf. Is 9,5b). E o Precursor referir-se-á a esta força do Messias, ao proclamar: “Aquele que vem depois de mim é *mais forte* (gr. *ischyróteros*) do que eu” (Mt 3,11 e paralelos). Da mesma forma, a parábola sinótica do “forte” que é vencido pelo “mais forte” (cf. Lc 11,21-22 e paralelos), isto é, Satã sendo vencido pelo Senhor Jesus ou por seus discípulos em seu nome, proclama igualmente que “o forte mais forte” é Jesus. E é pela força de Jesus que os jovens da comunidade joanina são logo proclamados *vencedores*, e vencedores porque decididamente empenhados numa luta cujo desfecho está garantido: “Tende confiança, *Eu venci o mundo*” (Jo 16,33).

“*Fortes*”, portanto, não para repousar, mas para lutar! Contra quem e contra quê? Contra o Maligno e contra “o mundo”, logo a seguir



caracterizado pelos seus atrativos (cf. 1Jo 2,16): a “*concupiscência da carne*” (desejos da carne, fechada ao Espírito), a “*concupiscência dos olhos*” (curiosidade, mesclada da cobiça de tudo o que se vê, levando ao consumismo), e a “*soberba da vida*” (confiança orgulhosa nos bens e recursos humanos)²¹. Luta com vitória garantida, sem dúvida, desde que a “*palavra de Deus*” neles permaneça.

3.2.2 A Palavra

“*A palavra de Deus permanece em vós*” (2,14c). Um dos verbos preferidos de João é “*permanecer*” (gr. ménein), empregado 40 vezes no quarto evangelho e 23 vezes na primeira carta, além de mais três vezes nos poucos versículos da segunda carta, enquanto os três Sinóticos o empregam 12 vezes ao todo. Assim, o sinal de condenação dos adversários de Jesus é o fato de que a palavra do Pai “*não permanece*” neles (Jo 5,38), exatamente o contrário do que aqui se diz dos jovens da comunidade joanina, que são fortes e vencedores porque a palavra de Deus neles permanece! Em Jo 6,27 Jesus recomenda, aos que o procuram após a multiplicação dos pães, que trabalhem “*pelo alimento que permanece até a vida eterna*”. Em Jo 8,31 Jesus promete a libertação verdadeira aos que “*permanecerem na sua palavra*”, isto é, aos que aceitarem que a Palavra permaneça neles, como nos jovens da comunidade joanina. Em Jo 15, na alegoria da Videira, o tema da “*permanência*” em Jesus é insistente: “*Permanecei em mim, como Eu em vós*” (15,4)... “*Aquele que permanece em mim e Eu nele, esse produz fruto abundante*” (15,5b)... “*Se alguém não permanece em mim, é lançado fora, como o ramo seco*”... (15,6) Em 15,7 temos a síntese: “*Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós*”... Também em 15,10: “*Se observardes meus mandamentos, permaneceréis em meu amor*”... E ainda: “*Fui eu que vos escolhi e designei para irdes e produzirdes fruto, e o vosso fruto permaneça!*” (15,16)

Em sua primeira carta, João insiste nos critérios dessa “*permanência*”: “*Quem diz que permanece nele (=em Jesus), deve andar como ele andou*” (1Jo 2,6), isto é, deve imitar a prática de Jesus. Em 2,10 João apresenta o critério do “*permanecer*” na luz: é amar o irmão! Em 2,17

²¹ Esta tríplice característica do “mundo”, sem ser exaustiva, não deixa de ser significativa ainda hoje, podendo ser expressa por outras tríades equivalentes: o prazer, o ter, o poder... ou o pan-sexualismo, o materialismo consumista, o secularismo... quem sabe, ideologicamente representados por FREUD, MARX, NIETZSCHE.



lemos a promessa: “*Quem faz a vontade de Deus, esse permanece para sempre!*” Em 2,19 novamente um critério, desta vez para identificar os “anticristos”, os secessionistas: “*Sairam dentre nós mas não eram dos nossos. Se tivesse sido dos nossos, teriam permanecido conosco.*” Em 2,24 encontramos um tríptico permanecer: “*Procurai que permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio* (isto é, desde o primeiro contato com o querigma cristão). *Se em vós permanecer o que ouvistes desde o princípio, então vós também permaneceréis no Filho e no Pai!*” Da mesma forma, em 2,27, numa declaração que exprime, como tantas vezes nesta carta, não um voto mas uma certeza: “*Quanto a vós, a unção que recebestes dele* (a unção interior, do Espírito, recebida de Jesus) *permanece em vós!*” Segue, no fim do mesmo v. 27 e no v. 28, reiterada, a exortação: “*Permanecei nele!*”

Novo critério da verdadeira permanência, em 3,6: “*Todo o que permanece nele, não vive pecando!*” Também em 3,9: “*Não vive pecando*²² *o que nasceu de Deus, porque a semente divina* (da Palavra!) *permanece nele...*” É tragicamente possível, porém, “*permanecer na morte, deixando de amar*” o irmão, como nos lembra o Apóstolo em 3,14. E no v. 15, interpretando a omissão como verdadeiro homicídio, afirma: “*Nenhum assassino tem a vida eterna permanecendo nele!*” Em 3,17, novamente focalizando o pecado da omissão, que, também segundo Mt 25,31-46, será o responsável pela nossa condenação, reafirma que o amor de Deus *não permanece* naquele que, “*possuindo os bens deste mundo, e vendo o irmão em necessidade, lhe fecha o coração*”... Em 3,24, novamente o critério: “*Aquele que guarda os mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e nisto reconhecemos que Ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu*”.

Em 4,12, o critério é o amor fraterno: “*Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós*”, enquanto em 4,15 o critério é doutrinal, cristológico: “*Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus*”. Em 4,16, retomando a afirmação capital já apresentada em 4,8, João nos declara: “*Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele, porque Deus é amor!*” Não diferentemente, a segunda carta fala da “*verdade que permanece em nós*” (novamente uma declaração, um fato, não uma exortação), e fala também

²² “*Não vive pecando*” (assim, na Bíblia da CNBB), em vez da tradução usual “*não peca*”, por causa do sentido de ação continuada do tempo presente em grego, e para se entender que essa afirmação não contradiz a afirmação de 1,10: “*Se dissermos que nunca pecamos...*”



da necessidade de, mesmo “avançando”, “*permanecer na doutrina do Cristo*”²³. E conclui que “*o que permanece na doutrina (autêntica), esse é o que possui o Pai e o Filho*”.

“*Permanecer*”, portanto, na Palavra, permanecer no amor (de Deus e dos irmãos), permanecer na luz, permanecer na comunidade, permanecer na reta doutrina cristológica, permanecer em Jesus, permanecer em Deus, todas são “permanências” equivalentes e mútuas. Se João diz dos “jovens” da sua comunidade que “*a palavra de Deus permanece neles*” (1Jo 2,14c), é porque eles próprios estão permanecendo “na palavra de Deus”, como aliás o explicita o próprio Jesus na sua promessa em Jo 15,7: “*Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes...*”

Qual é, porém, “a palavra de Deus” à qual os jovens da comunidade joanina estão aderindo com tanta firmeza, a ponto de haurirem dela o vigor que os torna “fortes” na luta e já vitoriosos, “*vencedores do Maligno*”? – Não é o caso de nos estendermos aqui em toda uma digressão sobre esse conceito tão vasto, que abrange afinal toda a revelação, mas também não podemos deixar de ressaltar o alcance cristológico que João lhe dá, apresentando o Cristo como “*a Palavra que estava no princípio em Deus e era Deus*” e que, “*assumindo a condição humana, armou sua tenda entre nós*” (cf. Jo 1,1.14). Ele é também a “*palavra da Vida*” que se manifestou entre nós, que “*vimos com nossos olhos e que nossas mãos apalparam*”, como o lembra com emoção o início da primeira carta (1Jo 1,1-2). Mas Ele é também, para os ímpios, os injustos, os sequazes da Besta e do Falso Profeta, o “*cavaleiro Fiel e Verdadeiro, que julga e combate com justiça, revestido de um manto embebido em sangue, e cujo nome é ‘Palavra de Deus’*”²⁴ (cf. Ap 19,11-13). Pois bem, creio que é esta dimensão cristológico-apocalíptica da Palavra que enfrenta a injustiça, a mentira, a maldade em todas suas formas, em todas as atuações do Maligno, é esta dimensão a que melhor responde à breve, mas tão densa interpelação de João a seus “jovens” que, sendo “fortes” e “vencedores”, estão empenhados numa luta decisiva²⁵. Clima pareci-

²³ Como o explica a Nota da Bíblia de Jerusalém, pode tratar-se tanto do ensinamento prático de Jesus como da reta doutrina cristológica a seu respeito. Pelo contexto, também da primeira carta, a segunda acepção é a mais provável.

²⁴ “Palavra justiceira”, como em Jo 12,48: “*Quem me rejeita... tem quem o julgue: a Palavra que eu falei o julgará no último dia*”.

²⁵ BROWN pensa que “a palavra de Deus” é aqui o mandamento do amor fraterno, “palavra” por excelência na comunidade joanina, ouvida desde o princípio (cf. 2,7).



do, embora em tom exortativo, é o que respiramos no final da carta aos efésios, em que seu autor alude à “*espada do Espírito*, que é a Palavra de Deus” (Ef 6,17b, mas cf. todo o texto: 6,10-17)²⁶.

3.2.3 A vitória

“*Vós vencestes o Maligno*” (2,14c, repetido de 13b). Não tantas vezes como o verbo *permanecer*, também o verbo *vencer* ocorre mais vezes em João do que em qualquer outro autor do Novo Testamento. Uma única vez no quarto evangelho²⁷, embora num texto capital: “No mundo encontrareis tribulações, *mas tende coragem: eu venci o mundo!*” É sabido que esse “venci”, no perf. grego *nenikêka*, tem o sentido de perduração: venci e venço, continuo vencendo... Na primeira carta, além das duas ocorrências nesta passagem dirigida aos “jovens”, temos quatro empregos do verbo, além do substantivo “vitória”, em 5,4; e ainda dezesseis (16) ocorrências no Apocalipse. Assim, na 1Jo 4,4, o autor escreve aos “filhinhos”, referindo-se aos “falsos profetas que vieram ao mundo” e infestam a comunidade: “*Vós sois de Deus e os vencestes*” (gr. *nenikêkate*, perf. com sentido de perduração, cf. supra), da mesma forma que os “jovens” venceram, são vencedores do Maligno, segundo 2,13b e 14c. Em 5,4-5 o autor afirma insistentemente que, assim como o próprio Jesus (em Jo 16,33), “todo aquele que nasceu de Deus *vence o mundo, pois esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé!*” E continua, triunfante: “*Quem é o vencedor do mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?*”

Não é de estranhar que o Apocalipse, livro da esperança e da resistência cristã, fale tantas vezes em “vencer”, justamente porque convida a lutar e testemunhar. Assim, nos capítulos 2 e 3, cada uma das cartas às sete Igrejas termina por solene promessa ao “vencedor”, isto é, àquele que, tendo perseverado na luta, for digno da vitória (cf. Ap 2,7.11.17.26; 3,5.12.21). No cap. 5º, onde pela primeira vez aparece o *Cordeiro*, “*de*

Em vista, porém, da argumentação que faço, tenho a impressão de que o alcance cristológico-apocalíptico se impõe.

²⁶ Não vejo porque a “palavra de Deus”, segundo SCHNACKENBURG 160, “não se considera aqui como arma na batalha, como o faz, p. ex. Ef 6,17b, e sim como força divina que age interiormente...” Penso não ser necessária aqui, como em tantos outros casos, a disjuntiva ou/ou, sendo perfeitamente possível a conjuntiva: arma exterior e, também, força interior.

²⁷ Como uma só vez em Lc 11,22 e nunca em Mt ou Mc, e apenas duas vezes nas cartas de Paulo: só em Rm 3,4 e 12,21.



pé e como imolado” (5,6), se afirma que ele é vencedor, *venceu*, e por isso é capaz, o único capaz de abrir o Livro lacrado (5,5) que ninguém, no céu nem na terra nem debaixo da terra, tinha sido capaz de abrir (5,3). No cap. 6º, na abertura do primeiro dos sete selos, a marcha da história é deslanchada pelo montador do cavalo branco, ao qual é dada a coroa, símbolo de realeza e de vitória, e *“ele parte, vencedor e para continuar vencendo”* (6,2). No cap. 11 antecipa-se a ação da Besta “que sobe do abismo” e cuja origem é descrita no cap. 13: ela “combaterá” contra as duas Testemunhas que “têm a missão de profetizar” (11,3), e *“as vencerá e matará”* (11,7). O mesmo se diz novamente da Besta no cap. 13: “foi-lhe dada a permissão de guerrear contra os santos e *vencê-los*”, mesmo se temporariamente! São, aliás, as duas únicas vezes em que a vitória, embora temporária, é atribuída, não a Cristo nem aos que “permanecem” nele, mas ao instrumento de Satanás, a Besta, que o Apocalipse claramente identifica com Roma. No cap. 12,11 se canta a vitória dos que *“venceram o Dragão pelo sangue do Cordeiro e pela Palavra da qual deram testemunho...”* No cap. 15,2-3 o vidente vê *“os que venceram a Besta, a sua imagem e o número do seu nome, de pé sobre o mar de vidro, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro”*, celebrando o Êxodo definitivo! No cap. 17,14 menciona-se a guerra dos dez reis, vassalos da Besta, contra o Cordeiro, *“mas o Cordeiro os vencerá, porque ele é Senhor dos senhores e Rei dos reis, e com ele estarão os chamados, os escolhidos, os fiéis!”* Finalmente, no “novo céu e nova terra” (21,1), quando se fizerem *“novas todas as coisas”* (21,5), proclamar-se-á definitivamente: *“O vencedor – aquele que venceu a sua luta – receberá em herança estas coisas...”*

Ora, quem fala em vitória supõe luta, batalha, guerra. Contra alguém ou alguma coisa. E João explicita: a guerra é *“contra o Maligno”*, o Diabo, personagem maléfico que o quarto evangelho chama também *“Satanás”* uma única vez, em Jo 13,27 e, por três vezes, *“Príncipe deste mundo”*: primeiro, afirmando a vitória de Jesus sobre ele e a sua esfera de influência, o mundo: *“É agora o julgamento do mundo, agora o Príncipe deste mundo será lançado fora”* (Jo 12,31); segundo, afirmando a sua impotência contra Jesus: *“O Príncipe deste mundo está vindo, mas nada pode contra mim”* (Jo 14,30); terceiro, anunciando a sua condenação definitiva, posta às claras pelo Paráclito: *“O Príncipe deste mundo já está julgado!”* (Jo 16,11). Também o termo *“Diabo”* ocorre três vezes no quarto evangelho: primeiro, em 6,70, quando Jesus diz de Judas,



um dos Doze (!), que é um “*Diabo*”²⁸; segundo, em 8,44, quando Jesus afirma que o Diabo “*é homicida desde o princípio... mentiroso e pai da mentira*”; terceiro, em 13,2, quando o evangelista atribui ao Diabo o projeto, instilado no coração de Judas, de trair Jesus.

Também na primeira carta joanina ocorre o termo, por três vezes, em 3,8: “*Aquele que comete o pecado é do Diabo, pois o Diabo é pecador desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do Diabo...*” Mas o termo mais frequente na carta é “*o Maligno*”, encontrado uma só vez no quarto evangelho, na oração sacerdotal de Jesus, em Jo 17,15: “*Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do Maligno*”, pedido semelhante à última súplica do Pai-nosso em Mateus (Mt 6,13)²⁹. Além da afirmação reiterada de que seus “jovens” venceram “*o Maligno*” (2,13b e 14c), a primeira carta lembra ainda que “do Maligno” era Caim, que matou o seu irmão (3,12), e que “*o mundo inteiro está sob o poder do Maligno*” (5,19), embora este não possa atingir “todo aquele que nasceu de Deus” (cf. 5,18).

BROWN 304 observa que não há clara evidência pré-cristã desse título, “*o Maligno*”, para designar o Diabo, nem é frequente seu uso na literatura rabínica, embora ocorra nos escritos mandeus e nas “Odes de Salomão”. O mesmo autor lembra que, se os autores joaninos não falam da possessão diabólica, frequente nos Sinóticos, no entanto concentram-se nesse personagem cósmico maléfico cujos instrumentos humanos resistem ao plano de Deus revelado em Jesus, uma vez que o fim dessa revelação era “*destruir as obras do Diabo*” (cf. 1Jo 3,8). As outras referências do Novo Testamento ao “Maligno” concorrem em que sua atividade prossegue e é perigosa: segundo Mt 13,19 é o Maligno que arrebatava a semente da Palavra semeada no coração, antes que se enraíze; também segundo Mt 13,38 “*pertencem ao Maligno*” as plantas de joio semeadas no meio do trigo; em Ef 6,16, Paulo aconselha-nos a sobraçar “o escudo da fé, para podermos extinguir *os dardos inflamados*

²⁸ A propósito, notar a evolução da tradição evangélica que faz Jesus chamar de “*Satanás*” não Judas mas Pedro, quando este se opõe ao caminho da Cruz em Mc 8,33 e seu paralelo Mt 16,23. A passagem sinótica em Lucas já omite esta censura a Pedro (apresentando-a, reelaborada, em Lc 22,31-32), enquanto em Jo 6,70 o “*Diabo*” é Judas.

²⁹ Tanto em Jo 17,15 como em Mt 6,13 costuma-se traduzir de maneira impessoal: “que os preserves *do mal*, livra-nos *do mal*”, quando é mais provável que se trate também aí do agente pessoal do mal, o “Maligno”, como o gênero masculino da expressão na 1Jo 2,13b e 14c – exatamente na nossa perícope dos “jovens” – o afirma sem equívoco: “vós vencestes *o Maligno*” (gr. *tòn ponêrón*).



do Maligno”, enquanto na 2Ts 3,3 ele nos assegura: “O Senhor é fiel, há de manter-vos firmes e vos guardará do Maligno...”

Conclusão

Qual é, pois, a força invencível dos “jovens” da comunidade joanina, força também hoje, dos jovens das nossas comunidades? É a força da “palavra de Deus” que neles permanece, se e enquanto permanece! Palavra que não é apenas informação, erudição, conhecimento exterior da Bíblia, mas, como expusemos acima, em 3.2.2, é o próprio Jesus Cristo, Palavra viva do Pai, Palavra justiceira que enfrenta e debela o Maligno e todos os seus agentes na sociedade e no mundo em que vivemos, neste início do século XXI como no final do século I. É Ele que, de fracos, nos torna fortes, como já o proclamava Paulo aos filipenses: “*Eu posso tudo, naquele que me fortalece*” (Fl 4,13). E é também Ele que envia nossos jovens, como outrora YHWH a Gedeão, diante da ameaça dos madianitas: “*Ide, e com esta força que tendes, libertai o meu povo. Sou Eu que vos envio!*” (cf. Jz 6,14)

Endereço do autor:

E-mail: ney.brasil@itesc.org.br